

# OS FÓSSEIS

**Moacyr Flores**  
Professor da PUC-RS

## INTRODUÇÃO

Peça em um ato de Moacyr Flores que estreou em 21 de março de 1975, no Clube Aliança de Novo Hamburgo, durante o Primeiro Festival Estudantil de Teatro, classificando-se em primeiro lugar. Seu elenco foi o mais premiado, entre os oito que se apresentaram. O embaixador Paschoal Carlos Magno, um dos componentes do júri, convidou o autor e o elenco para representar "Os Fósseis" no Teatro Duse, no Rio de Janeiro. A Televisão Educativa realizará um "vídeo-teipe" da peça com a finalidade de exibí-lo em todas as capitais do país. O festival foi uma promoção da UGES (União Gaúcha de Estudantes Secundários) e da UENH (União Estudantil de Novo Hamburgo), contando com a participação de grupos amadores de Porto Alegre, Passo Fundo, Cachoeirinha, Uruguaiana e Novo Hamburgo.

"Os Fósseis" explora como tema central a liberdade do ser humano, desenvolvendo-se num clima e ritmo de tragédia grega. O enredo focaliza uma comunidade de "hippies" que é questionada por um estranho ao grupo. A "família hippie" se desagrega e com ela o estranho questionador, que, paradoxalmente, em nome da liberdade é morto.

"Os Fósseis" foi montada pelo CETEC (Centro Emiliano de Teatro e Cinema), formado por alunos do Colégio Municipal Emílio Meyer. O CETEC surgiu em agosto de 1970, durante a gestão da diretoria professora Aglaé Machado de Oliveira, seguindo a orientação de atividades extra-classes da Superintendente de Ensino Municipal, professora Nara da Costa Rodrigues. A coordenação do clube foi confiada ao professor Moacyr Flores que todos os sábados à tarde, durante o ano letivo, reúne alunos de adiantamentos diferentes em aulas práticas de mímica, pantomima e jogos dramáticos. A frequência é livre e voluntária. A escolha do elenco é feita através de testes em que os associados são os jurados.

O CETEC já montou "O ciúme de um pedestre", farsa de Martins Pena, em 1971 e 1973, "Pluft, o fantasminha", peça infantil de Maria Clara Machado, em 1972. No ano passado apresentou diversos esquetes infantis em clubes e instituições de caridade. Finalmente, em 1975, arrebatou com "Os Fósseis" quase todos os prêmios do Festival Estudantil de Novo Hamburgo. Os prêmios recebidos foram o de Melhor Ator (Jorge André de Andrade); o de Melhor Atriz (Regina Goulart da Silva); o de Melhor Ator Coadjuvante (Ottomar Ellwanger Júnior); prêmio especial a Ator Coadjuvante (Jorge Luis Fagundes) prêmio especial de Atriz Coadjuvante (Glaci Soares) e de Melhor Diretor (Carlos Alberto Soares).

O CETEC ainda realizou dois filmes didáticos coloridos, em 16 mm, para as disciplinas de Moral e Cívica e de Português.

Drama em um ato. Duração: 60 minutos.  
Impropriedade: 16 anos.  
Registro na Censura Federal: N.º 4433/73

### PERSONAGENS

SÍLVIO — Estudante jovem que realiza uma pesquisa no meio de "hippies".  
CLEUSA — Jovem que deseja fugir do grupo.  
CLEO — Jovem e agressiva.  
ALTAIR — Chefe do Grupo.  
BIRA — Maníaco pelo som.  
CACO — Fala com sotaque baiano.  
TÂNIA — Faz parte do coro.  
JUJU — Faz parte do coro.  
DESLIGADOS — quatro jovens que perambulam em cena, sem tomar conhecimento da ação, mas participam das danças.

AÇÃO: na atualidade

CENÁRIO: Uma plataforma no fundo com várias bocas de canos. Há diversos canos em frente da plataforma, com iluminação no interior.

### CENA I

Palco às escuras. Música moderna. Luz negra. Altair, Cleo, Tânia e Juju dançam na plataforma. A cena se ilumina lentamente como se fosse um nascer do sol. A música decresce. O grupo se dispersa, iniciando uma batucada.

CLEUSA (Surgindo de um cano) Oi, amizade, qual é a de vocês?

CACO — E qual é?

ALTAIR — (separando-se) Legal, legal!

ALTAIR — Estamos na nossa, curtindo o nascer do sol.

CLEO — Lembra-se do que disse o Profeta?

CLEUSA — Ele é um papo furado! Estou na minha e não na de vocês. Quero dormir.

ALTAIR — O Profeta prometeu que viria ao nascer do Sol para fazer uma viagem com a gente. Vai ser legal quando ele chegar!

CORO — Jóia, jóia!

CLEUSA — Ele é um vigarista.

ALTAIR — Você não conhece o Profeta, ele é bacana paca!

CLEUSA — Não o conheço? Aonde ele dormia? Aqui neste cano!

TÂNIA — Papo furado! O Profeta entrava por um cano e saía pelo outro.

JUJU — Gostava de todos os canos.

CLEO — Pertencia a todos sem ser de ninguém.

CLEUSA — Vocês faziam um charminho para ele, mas o Profeta tinha uma liga comigo...

TÂNIA — Ele foi embora sem dizer adeus para se livrar de você!

CLEUSA — Ele se mandou porque estava lelé-da-cuca, lelé-da-cuca. Era um porco chauvinista.

JUJU — E você uma porca revisionista!

### CENA II

Os mesmos. BIRA sai de gatinhas de um cano trazendo fios e amplificadores.

BIRA — Paz, bicho, paz e amor. Vamos curtir um som legal.

CORO — Jóia, jóia!

BIRA — (Arrumando fios) Um som bacana!

CORO — Estamos aí!

BIRA — Gente final!

CORO — Legal, legal.

CLEUSA — Eu quero dormir! Deveria ter ido à Bahia...

BIRA — O que é isto, gatinha? A onda agora é a praia dos

Artistas.

CORO — Jóia, jóia!

ALTAIR — Gente, aí vem o Caco!

(Bira entra e sai pelos canos arrumando fios)

### CENA III

Os mesmos e Caco que chega com mochila às costas.

CACO — Ôi, gente boa!

ALTAIR (abraçando CACO como se fossem robôs) A gente estava com saudade de você!

CLEUSA — E qual é, Caco?  
 CACO — Tô com uma transa de boca que peguei na Bahia.  
 TÂNIA — Conta, Caco, conta.  
 CACO — A Bahia é um troço lindo. Você se desinibe, entra no Nirvana.  
 CORO — Legal, legal!  
 CLEO — Viu o Caetano?  
 CACO — É um cara legal! Cantou para o povo.  
 CORO — Jóia, jóia!  
 JUJU — E a Maria Betânia?  
 CACO — Criança maravilhosa...  
 CORO — Legal, legal!  
 CACO — A gente fala falando. É isto aí, morou?  
 ALTAIR — A onda aqui é a natureza, curtir o nascer e o por.  
 CACO — O que é o nascer e o por?  
 ALTAIR — O nascer e o por do Sol. É isso aí, amizade.  
 CLEUSA — E os "powers"?  
 CACO — Deixei os "powers"...  
 CLEUSA — Por que, Caco?  
 CACO — Os "powers black", as "woman's libs" são de uma mediocridade total!  
 CORO — Falou, tá falado!  
 TÂNIA — Qual é a tua, Caco?  
 CACO — Andar andando, falar falando: comunicação!!!  
 CLEUSA — Então vem cá que estou sozinha!  
 CLEO — Ela está insegura desde que o Profeta se mandou.  
 CLEUSA — Comigo nada dá certo.  
 CLEO — E por que nada dá certo?  
 JUJU — Você vive falando de partir e mudar de vida.  
 TÂNIA — Partir para onde, não vê que a sociedade de consumo se consumiu?  
 JUJU — Não há mais a força do corpo e do sexo.  
 ALTAIR — Para que mudar? Aqui estamos livres dos chavões da sociedade de consumo.  
 CLEO — Vivemos descompromissados com o mundo.  
 TÂNIA — Numa alegria, alegria.  
 CLEUSA — A programação de alegria constante não funciona.  
 ALTAIR — A onda agora é curtir a natureza! É isso aí!  
 JUJU — Falou e disse!  
 TÂNIA — Tá falado.  
 BIRA — (saíndo de um cano) Oi, Caco, e a Bahia?  
 CACO — (erguendo os polegares) Legal!  
 BIRA — Arrumei um som que é um barato. Quer curtir?  
 CACO — Tô na sua!  
 CORO — Jóia, jóia!

(Jogo de luz que acompanha a música e a dança. Projeção de formas abstratas no fundo. No final da música desaparecem nos canos)

CLEUSA em posição ioga. Sílvio se aproxima timidamente.  
 SÍLVIO — Bom dia, moça (pausa) O que está fazendo?  
 CLEUSA — Não estou aqui.  
 SÍLVIO — Ué, você está sentada aí?!  
 CLEUSA — Estou no Nirvana! A onda agora é Zen! (mudando de tom). Você estragou minha concentração. Se manda, se manda!  
 SÍLVIO — Está se concentrando para que?  
 CLEUSA — Para me desligar, morou?  
 SÍLVIO — Quer dizer que basta a gente sentar desta maneira para se desligar como se torcesse um botão? Assim! Clic?  
 CLEUSA — Clic.  
 SÍLVIO — Posso experimentar? (Examina a posição de Cleusa e depois procura imitar)  
 CLEUSA — Concentração!  
 SÍLVIO — Concentração...  
 CLEUSA — Silêncio!  
 (Os dois em uma posição de ioga. Sílvio olha diversas vezes para Cleusa que se conserva imóvel. Música)  
 SÍLVIO — Este negócio cansa! Minhas pernas estão doendo. (Tenta se levantar) Continuo ligado e de pernas duras! (pausa) Acho melhor parar. (Levanta-se examina o local) Tem mais gente por aí?  
 CLEUSA — Tem.  
 SÍLVIO — Onde estão?  
 CLEUSA — Nos canos.  
 SÍLVIO — Será que eles não se importam comigo? Posso ficar?  
 CLEUSA — Fica.  
 SÍLVIO — Tem certeza de que vão me receber bem?  
 CLEUSA — Olha meu, qual é a sua? Não vê que quero paz?  
 SÍLVIO — Quero apenas conversar.  
 CLEUSA — Aqui só há lugar para sonhos.  
 SÍLVIO — Ter amigos.  
 CLEUSA — Gostamos de fantasias.  
 SÍLVIO — O que são estas fantasias e sonhos?  
 CLEUSA — Paz e curtidão. É isso aí bicho.  
 SÍLVIO — Onde posso ficar sem incomodar?  
 CLEUSA — Em qualquer cano, sempre cabe mais um. (Sílvio se dirige para um cano) Ei, cara, tem cigarro?  
 SÍLVIO — (Levando a mão no bolso) Tenho.  
 CLEUSA — Então guarda para nós. Não ofereça cigarro aos outros porque eles devoram o maço em meia hora. Guarda para nós dois.  
 SÍLVIO — Meu nome é Sílvio... E o seu?  
 CLEUSA — Cleusa. Pelo jeito você está por fora do contexto...

SÍLVIO — De que contexto?  
CLEUSA — Para que tantas perguntas? O contexto é o contexto.

SÍLVIO — Sim, mas que contexto?

CLEUSA — (irritada) É isso aí, morou?

SÍLVIO — (Dá de ombros) Quem manda aqui?

CLEUSA — O pai da família é o Altair, antes era o Profeta, mas ele se mandou, ainda bem que não fiquei sozinha. (pausa) Para que tantas perguntas?

SÍLVIO — É para uma pesquisa que estou fazendo.

CLEUSA — Não vai me dizer que é jornalista!

SÍLVIO — É para um trabalho na faculdade, que entregarei no fim do mês. Teria importância se fosse jornalista?

CLEUSA — Muita. Os caras vem e fazem aquela cascata e depois publicam coisas que não dissemos e até o que não viram. Não dou entrevistas.

SÍLVIO — Mas vai me ajudar a fazer a pesquisa.

CLEUSA — Por que? Com que finalidade?

SÍLVIO — Auxiliar o próximo... Ficarei aqui uma semana, isto é, se me deixarem. Quer me ajudar?

CLEUSA — Não! Só entro em fria. Minha mãe me enchia dia e noite: "Cleusa arruma isto; Cleusa, arruma aquilo; para de ler; trate de fazer alguma coisa; olha que você me mata do coração! Aí, meu coração!!! (mudando de tom) Isto era todo o dia. Não a agüentei mais e fugi. Como é sua mãe?"

SÍLVIO — Às vezes um pouco antiquada, mas uma boa mãe.

CLEUSA — Pois eu venho de um lar deteriorado, podre. De meu pai não gosto nem de falar. Aliás a psicologia explica claramente minhas reações. Sabe? Fui estudante de psicologia por dois anos. Depois deixei tudo e caí nesta fossa. Mas aqui é legal, a gente vive livremente!!

SÍLVIO — Livre de que?

CLEUSA — Vai me dizer que não tem complexos?

SÍLVIO — Devo tê-los, mas isto não me preocupa, pois vivo muito bem com eles.

CLEUSA — Já olhou em torno de você? Viu como a sociedade de consumo está podre? (pausa) Fugiu do mundo, é certo, mas agora sou livre dos gabaritos, dos pensamentos codificados, dos atos convencionados, de obrigações determinadas. Consegui achar minha autenticidade na criatividade sem limites. E isto é bacana paca!!!

SÍLVIO — (pausa) Só entendi uma coisa, se vocês são tão autênticos e buscam uma realização na criatividade, por que usam palavras como bacana, legal, jóia, é isto aí e outras que não me lembro?

CLEUSA — Mas o que tem na cabeça? Nossa autenticidade está justamente no "Underground". A anti-cultura é a nossa arma para destruir esta sociedade de consumo com suas regras hipócritas e pessoas cafonas.

SÍLVIO — O que você acha de um bife com batata frita, ovos e arroz?

CLEUSA — Jóia, jóia! Ainda mais que estou com uma fome paca!

SÍLVIO — (gritando) Você conhece algo mais cafona do que bife com batata frita? Por que para protestar vocês não comem capim com serragem e títica de galinha? (pausa) Atacam a sociedade de consumo, mas vivem às custas dela. O que vocês construíram para substituí-la?

CLEUSA — Escuta aqui, meu, você é padre, pastor protestante ou assistente social?

SÍLVIO — Já disse que estou realizando uma pesquisa para a faculdade.

CLEUSA — Se não quer me recuperar, por que está me agredindo com palavras?

SÍLVIO — Não estou agredindo. Peço-lhe desculpas... Quero apenas elementos para meu trabalho. Preciso saber por que vocês vivem aqui.

CLEUSA — Pensa que sei?

SÍLVIO — Há pouco me disse que fugiu de casa por causa de sua mãe.

CLEUSA — E acreditou? Sai de casa para trabalhar por conta própria. Fui pulando de emprego em emprego, sem conseguir melhorar de vida. (Pausa) Dá tudo errado comigo. Arrumei um carinho, tive um filho com ele, fui abandonada e estou aqui.

SÍLVIO — E a criança?

CLEUSA — Morreu... Já pensei em sair, procurar emprego mas acho melhor ficar esperando que aconteça alguma coisa.

SÍLVIO — O quê?

CLEUSA — Que o mundo se desfaça numa enorme explosão! Sei lá!!! Já imaginou que sarro se tudo terminasse num grande PUUMM!! O Profeta afirmava que ao nascer do sol haveria uma catástrofe e que todos nós nasceríamos num mundo melhor. Abandonaríamos finalmente esta terra de desolação.

SÍLVIO — Há muita coisa boa na Terra.

CLEUSA — Roubos, assassinatos, epidemias, guerras, fome e solidão. Principalmente solidão. Tenho medo de ficar sozinha.

## CENA V

Os mesmos. Bira emerge de um cano.

BIRA — ôi, bicho!

SÍLVIO — Ôi! Acho que conheço você... Bira?

BIRA — Tô aí! Não me diga que abandonou os livros e o emprego para se juntar a nós. Dou força!

CLEUSA — Ele pesquisa para a Faculdade sobre nossa maneira de viver.

BIRA — Legal, Legal! Dou força! Fique por aí e veja nossa curtidão e leve nosso protesto à sociedade de consumo...

SÍLVIO — Gostaria de perguntar...

BIRA — (corta) Nada de perguntas. Vamos botar uma música pra quebrar, que responde a qualquer pergunta. (Desaparece pelo cano)

SÍLVIO — Nós fazemos nossa alergia, o Mundo nos pertence e não é mau. A maldade vem de cada um. Basta querer viver bem.

CLEUSA — Palavras, palavras. Fiz uma programação bacana, ia estudar psicologia, abrir meu gabinete e veja só, acabei entrando pelo cano. Faltou-me dinheiro para viver nesta maldita sociedade de consumo.

SÍLVIO — Deveria procurar um emprego onde ganhasse um salário condigno.

CLEUSA — Pensa que não tentei? Tinha o normal, mas não deu para viver com o que ganha uma professora, trabalha-se muito e ganha-se pouco. O comércio paga melhor. Uma moça do interior é assediada e tentada de diversas maneiras, quando ela cede surge uma porção de gaviões...

SÍLVIO — Normal? Você disse que cursou o segundo ano de psicologia!!

CLEUSA — Eu disse?? O profeta ensinava psicologia... Sim, era ele que sabia de tudo...

#### CENA VI

Cleusa e Sílvio

SÍLVIO — O Bira foi meu colega de trabalho, depois que foi despedido nunca mais o vi. É um tipo engraçado.

CLEUSA — Engraçado é você quarendo bancar o que não é!

SÍLVIO — E o que sou?

CLEUSA — Se analisar você, ficará com nojo de si mesmo. É melhor continuar se enganando.

#### CENA VII

Os mesmos. Bira surge de um cano, depois os outros hippies.

BIRA — Legal! Jóóóiaaaa!!!

(Música e jogo de luz, Juju, Altair, Tânia, Caco e Cleo dançam. Cleusa ensina Sílvio que dá apenas passos cômicos).

TODOS — (Cantam) Somos os herdeiros da Terra,  
da Terra poluída,  
morrendo de tédio,  
com a cibernética,  
vivendo sozinho  
no meio dos outros

que não nos olham de frente  
porque temos a liberdade  
a liberdade

de ser o que somos  
sem querer saber de  
poluição,  
preconceitos,  
engarrafamento  
dentro do ritual até o fim,  
até o fim,

que bom seria que eu fosse  
aquele que, aquele que  
transformaria o mundo  
em paz e amor...  
em paz e amor...

(No fim do canto e da dança, Cleusa e Caco somem num cano. Os outros imitam. Permanecem em cena Sílvio e Cleo.

#### CENA VIII

Sílvio e Cleo.

SÍLVIO — Aonde foi a Cleusa?

CLEO — Deixa pra lá. A Cleusa está ocupada com o Caco. Não quer me entrevistar?

SÍLVIO — Ela pertence ao Caco?

CLEO — Aqui ninguém é de ninguém. Somos livres. Seguimos apenas nossa criatividade. Não somos manejados pelos meios de comunicação dos trusts-internacionais. Libertamo-nos da escravidão burguesa, temos liberdade de escolher o necessário. Já estou fornecendo elementos para a pesquisa.

SÍLVIO — Gostaria de saber que escalas de valores vocês se utilizam para escolher o que querem.

CLEO — A nossa liberdade estabelece os valores.

SÍLVIO — De que modo? O que determina os valores é a razão, pois é ela que escolhe. A liberdade pura, sem razão que a constitua é apenas uma forma passiva e indiferente de agir.

CLEO — Quer fundir minha cuca? Quem falava de Sarte era o Profeta, vá discutir com ele! Nós buscamos a liberdade pura.

SÍLVIO — Isto é um absurdo. A liberdade de escolha tem que ser racionalizada porque ela é uma realidade moral.

CLEO — Não concordo, porque segundo Sartre a minha liberdade é o único fundamento dos valores e que nada, absolutamente nada, me autoriza a adotar este ou aquele valor. O meu ato é um produto de minha liberdade que não tolera nenhum juízo para contestá-lo.

SÍLVIO — Também não concordo com o que você diz e explicarei porque. Se você tiver a liberdade pura, sem o uso da razão, vazia de valores, ela será subjetiva. Portanto a sua liberdade de agir entrará em choque com a minha liberdade, porque a minha maneira de pensar é diferente da sua. E aí termina a liberdade...

CLEO — Por que? Basta sermos tolerantes. A falta de compreensão dos coroaos em relação aos jovens é por falta de tolerância. Com tolerância haverá liberdade.

SÍLVIO — E por que vocês não são tolerantes?

CLEO — Fomos jogados num mundo que não construímos, onde temos de nos adaptar, despojados de nossos desejos e sentimentos. (pausa) Os outros devem ser tolerantes...

SÍLVIO — É, mas para alcançar esta tolerância só através de um comportamento de total abstenção, não dizer nada, não participar, não criticar e não se comunicar. Nós viveríamos num vazio interior, restando apenas o narcisismo.

CLEO — E existe algo melhor do que eu?

SÍLVIO — Existe! Eu!... Viu como não dá certo? (Pausa) Já imaginaram se todos fossem hippies? Ninguém plantaria. Não haveria energia elétrica e as cidades parariam. Se você precisasse de hospitalização, morreria sem assistência, porque o motorista da ambulância estaria no parque desfolhando margarida. Se você conseguisse se arrastar até o hospital, não seria atendida porque o médico estaria fazendo amor com a enfermeira e o anestesista completamente dopado com o anestésico.

CLEO — Paz e amor, é isso aí, bicho!!!

SÍLVIO — Só chego a uma conclusão: a vida de vocês é inumana, igual a de animais.

CLEO — Nossas relações nos libertam porque meu corpo me remete ao outro, fazendo-me descobrir uma nova maneira de existir, vivendo cada um para si e para o outro.

SÍLVIO — O outro para você é um mero objeto e você também se transforma para ele em um objeto. Onde está a liberdade?

CLEO — Você é biruta!!

SÍLVIO — Não encontra uma argumentação melhor?

CLEO — Prove que você não é! Aposto que você acredita no amor monogâmico.

SÍLVIO — Escolherei a mulher que será a mãe de meus filhos.

CLEO — Você pertence irremediavelmente à sociedade de consumo. Pobre coitado! Um escravo masoquista do poder econômico.

SÍLVIO — Não apoio a sociedade de consumo. Sou contra o lucro escravizante e a mecanização desumana.

CLEO — Junte-se a nós! Ou haverá outros caminhos?

SÍLVIO — Há! O comunismo apresenta uma solução em que o indivíduo se transforma num meio para o estado atingir sua perfeição. É um caminho para os que não gostam de pensar e se deixam guiar. O outro caminho, apontado pelo cristianismo, é o mais difícil, porque a pessoa transforma seus atos num caminho para

chegar a Deus, e para isto teria que seguir os ensinamentos do "Sermão da Montanha"... O caminho mais fácil é o de vocês, o da abstenção!!!

CLEO — Se o nosso é o mais fácil, por que não vem para ele?

SÍLVIO — Porque no final só existe o vazio.

CLEO — (pausa) Desde que vim para cá não conversava deste jeito...

SÍLVIO — Há pouco não dizia que o Profeta ensinava Sartre? Não entendi...

CLEO — O Profeta?? (pausa) O Profeta é uma invenção da turma, nunca existiu...

SÍLVIO — Então... Vocês vivem sonhando!!!!

CLEO — (Parando na entrada de um cano) Não tente descobrir o que somos nem o que fazemos. Será melhor para você e para nós. Às vezes a barra fica pesada. (desaparece no cano)

SÍLVIO — Cleo, Cleo!!!

## CENA IX

Sílvio e Altair que sai de um cano.

ALTAIR — (Empurrando) Não ouviu o que a gatinha disse? Deixe minha família em paz!!!

SÍLVIO — Faça perguntas para a minha pesquisa. É importante descobrir o objetivo de vocês.

ALTAIR — Olhe, cara, nós vivemos muito bem assim, não precisamos saber quais as nossas finalidades. Trate de se mandar enquanto é tempo!

SÍLVIO — E se ficar?

ALTAIR — Ficaré bonzinho, senão morrerá!

SÍLVIO — Mas isto seria contra a idéia de liberdade individual que vocês tanto falam.

ALTAIR — Não tente me enrolar como faz com o Cleo. Estou avisando! Eles existem porque estou aqui. Seria muito doloroso destruir esta família.

(ALTAIR se retira para um dos canos)

## CENA X

Sílvio caminha absorto. Juju e Tânia surgem dos canos.

JUJU — Tadinho do menino, foi massacrado pelo Altair.

TÂNIA — Acho melhor se mandar!

JUJU — Falou, tá falado!

SÍLVIO — Me deixem em paz!

TÂNIA — Está baratinado?

JUJU — Ou está com medo?

SÍLVIO — De que teria medo?

TÂNIA — Da verdade! (Música pop)  
JUJU — Gostaria de viver igual a nós.  
TÂNIA — Com a nossa liberdade.  
JUJU — Mas está preso aos preconceitos da sociedade de consumo.  
TÂNIA — Tem inveja de nós!  
JUJU — Vamos mostrar o que somos!  
(A música aumenta de volume e as duas dançam com jogo de luz. No fim da dança apoiam-se nos canos)  
JUJU — Legal!  
TÂNIA — Jôia!  
JUJU — Você gostaria de nos imitar! Pensa qu não sei!  
TÂNIA — Puritano hipócrita.  
SÍLVIO — Eu não sou igual a vocês. Eu tenho respeito por mim.  
JUJU — Desliga, desliga! Vá na Onda! Quando se começa a viver a gente morre.  
SÍLVIO — Antes de morrer farei alguma coisa de bom.  
TÂNIA — O que? Plantar uma árvore?  
JUJU — Escrever um livro?  
TÂNIA — Ter um filho?  
JUJU — Meros sonhos burgueses...  
TÂNIA — Falta de criatividade.

#### CENA XI

Os mesmos. Bira traz a mochila de Sílvio.

BIRA — Vá embora enquanto é tempo!  
SÍLVIO — Por que não posso ficar?  
BIRA — Vivíamos bem sem perguntas, até que você chegou e colocou minhocas em nossas cucas. Dê o fora enquanto continuamos em nossa pureza.  
SÍLVIO — Ficarei.  
BIRA — (dá de ombros) Como quiser, mas vai se arrepender.  
(Bira larga a mochila no chão e desaparece num cano. As moças fazem o mesmo.)

#### CENA XII

Sílvio caminha na frente dos canos.

SÍLVIO — Vocês se escondem como caramujos dentro da casa, para não ouvirem minhas verdades. Sei o que vocês são. Olhem para vocês, são inúteis e vazios como estes canos. (pausa) Não respondem? Não faz mal, sei que estão me ouvindo!!! Frustrados, fracassaram na sociedade agora têm medo de tentarem novamente porque sabem que são incapazes. Não passam de uns frustrados e

covardes porque não souberam resolver os dilemas da vida e se lançaram numa fossa onde não há valores, apenas ações. (Gritando) Os valores... Os valores são importantes porque determinam nossas ações, sem eles não há escolha. (Mudando de tom) É preciso saber escolher porque nossas soluções nos conduzem a um fim.

ALTAIR — (Saindo de um cano e gritando) À mortel!!!  
SÍLVIO — É só que resta a vocês porque não compreendem o ser humano pelos seus mistérios e caprichos. Se tivessem menos orgulho descobririam que vocês não criaram o que existe. Vocês só destruíram.

CLEUSA — (Saindo de um cano) Morte.  
SÍLVIO — Vocês não evocam uma esperança, fugiram da realidade em busca de um cinismo que justifique a má educação, a grosseria e o relaxamento de cada um.  
TÂNIA — (Saindo de um cano) Mortel!  
CLEO — (Saindo de um cano) Mortel!  
JUJU — (Saindo de um cano) Mortel!

SÍLVIO — Berrem o que quiserem! Eu cheguei ao fundo da fossa!!! (Pausa) Vocês tem razão, invejo vocês! Gostaria de ser desligado, não sofrer mais na tentativa de compreender meus semelhantes em busca de soluções. Da maneira que hoje se vive ninguém é inocente, porque tudo que se faz depende de cada um... (Pausa) Vocês rirão de mim: sou religioso, acredito em algo superior e melhor. (Pausa, depois gritando) Não agüento mais as injustiças e as violências dos jogos de interesses, fui arremessado num mundo feito, sem possibilidade de mudá-lo. (Bira liga a música) Pare a música, que quero gritar o que vocês são. Pare a música! Idiotas! Covardes! (A música aumenta de volume, abafando a voz de Sílvio. Os personagens avançam na cadência da música, cercando Sílvio. Ele tenta escapar. Apertam o círculo e se afastam no ritmo musical. Jogo de luz. Sílvio cansado se ajoelha. O grupo se comprime à sua volta. Levantam-no e carregam-no para um dos canos. Deitam-no de costas. Bira agarra as mãos e Caco os pés. Altair e as moças formam um grupo compacto, ocultando o corpo de Sílvio. Luzes diminuem de intensidade, para a música e ouve-se um grito de Sílvio. Em silêncio o grupo se separa.

ALTAIR — Ele teve a ousadia de nos julgar.  
CLEO — Ele era a negação de nossa liberdade pura.  
TÂNIA — Por isto foi destruído.  
(Cleusa se afasta)  
ALTAIR — Aonde vai, Cleusa?  
CLEUSA — (Voltando-se) à cidade. Alguém tem que contar o que aconteceu. (Para indecisa olhando o grupo)  
ALTAIR — Só dê a notícia na cidade quando a noite chegar, precisamos de tempo para o nosso ritual de curtir o por do sol. Talvez o Profeta agora venha!!!  
CLEUSA — Como vocês reconhecerão o Profeta, se ele chegar?

ALTAIR — Ora, ele é um sujeito bacana, vamos conhecer conhecendo!

CORO — Legal, jóia!

(Dançam ao ritmo da música e do jogo de luz. Cleusa se afasta. Apagam-se as luzes na ordem inversa do início da peça. Escuridão)

**F I M**

**Esta peça só poderá ser representada, no todo ou em parte, seja porque processo for, mediante autorização expressa da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.**